

**XXVI - DAI
GRATUITAMENTE
O QUE
GRATUITAMENTE
RECEBESTES**

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO - CAPÍTULO XXVI DAI GRATUITAMENTE O QUE GRATUITAMENTE RECEBESTES

Dom de curar

1. Restituí a saúde aos doentes, ressuscitai os mortos, curai os leprosos, expulsai os demônios. Dai gratuitamente o que gratuitamente haveis recebido. (S. MATEUS, cap. X, v. 8.)

2. “Dai gratuitamente o que gratuitamente haveis recebido”, diz Jesus a seus discípulos. Com essa recomendação, prescreve que ninguém se faça pagar daquilo por que nada pagou. Ora, o que eles haviam recebido gratuitamente era a faculdade de curar os doentes e de expulsar os demônios, isto é, os maus Espíritos. Esse dom Deus lhes dera gratuitamente, para alívio dos que sofrem e como meio de propagação da fé; Jesus, pois, recomendava-lhes que não fizessem dele objeto de comércio, nem de especulação, nem meio de vida.

OS QUATRO EVANGELHOS - TOMO II

MATEUS, X, v. 1 e 5-15. - MARCOS, III, v. 15 e VI, v. 7-13. - LUCAS, IX, v. 1-6

**A missão, o poder, a pobreza, a pregação dos apóstolos. -
Instruções que lhes foram dadas**

MATEUS: V. 1. Tendo reunido os doze apóstolos, Jesus lhes deu poder sobre os Espíritos impuros, a fim de que os expulsassem, e o de curar todas as doenças e enfermidades. - 5. E enviou esses doze, depois de lhes haver dado as instruções seguintes: Não procureis os Gentios e não entreis nas cidades dos Samaritanos: - 6, ide antes em busca das ovelhas perdidas da casa de Israel; - 7, ide e pregai, dizendo: O reino dos céus está próximo; - 8, curai os doentes, ressuscitai os mortos, limpai os leprosos, expulsai os demônios; dai de graça o que de graça recebestes. - 9. Não tendes ouro, nem prata, nem qualquer moeda nos vossos cintos, - 10, nem saco para a viagem, nem duas túnicas, nem sandálias, nem bordão; porquanto, o obreiro merece que o sustentem. - 11. Ao entrardes em qualquer cidade ou aldeia, perguntai onde há um justo e em sua casa permaneci até que partais de novo. - 12. Ao penetrardes na casa, saudai-a, dizendo: Que a paz esteja nesta casa. - 13. Se a casa for digna disso, vossa paz descerá sobre ela; e, se o não for, a vossa paz voltará para vós. - 14. Quando alguém não vos quiser receber e não vos escutar as palavras, ao sairdes da casa ou da cidade onde tal se deu, sacudi a poeira dos vossos pés. - 15. Em verdade vos digo: No dia do juízo, menos rigor haverá para com a terra de Sodoma e de Gomorra do que para com essa cidade.

MARCOS: V. 15. E lhes deu o poder de curar as enfermidades e de expulsar os demônios.

VI: V. 7. Jesus chamou os doze e começou a enviá-los dois a dois, dando-lhes poder sobre os Espíritos impuros. - 8. Recomendou-lhes que levassem consigo apenas o bordão; que não levassem nem saco, nem pão, nem dinheiro nos cintos. - 9, que calçassem unicamente suas sandálias, mas não cuidassem de ter duas túnicas.

- 10. E lhes dizia: Na casa em que entrardes, permaneci até que partais de novo. - 11. Quando encontrardes pessoas que não vos queiram receber nem escutar, sacudi, ao vos retirardes, a poeira dos vossos pés, dando assim testemunho contra elas. - 12. Tendo partido, os apóstolos pregavam aos povos que fizessem penitência; - 13, expulsavam muitos demônios e ungiam com óleo muitos doentes, curando-os.

LUCAS: V. 1. Jesus, tendo reunido os doze apóstolos, lhes deu poder e

autoridade sobre todos os demônios e o poder de curar as enfermidades. - 2. E mandou que fossem pregar o reino de Deus e curar os enfermos. - 3. Disse-lhes: não leveis em viagem nem bordão, nem saco, nem pão, nem dinheiro e não tenhais duas túnicas. - 4. Na casa em que entrardes ficai e dela não saiais; - 5, e, quando encontrardes pessoas que não vos queiram receber, sacudi, ao deixar-lhes a cidade, até a poeira dos vossos pés, a fim de que isso constitua um testemunho contra elas. - 6. Os apóstolos partiram e foram de aldeia em aldeia, evangelizando e curando por toda parte os enfermos.

N. 130. Jesus mandou que os apóstolos pregassem primeiramente aos da sua nação "humana", para que mais se apertassem os laços da família, da fraternidade, da pátria. Proibiu-lhes se munissem do que quer que fosse, a fim de bem compreenderem que, missionários do Senhor, deviam tudo confiar dele no tocante às coisas da vida e nenhuma importância ligar ao bem-estar material. Recomendou-lhes que abençoassem os lugares onde encontrassem boa acolhida e que sacudissem a poeira dos pés onde os repelissem, a fim de bem os persuadir de que por toda parte os acompanhava o Mestre, ligando o que eles ligassem e desligando o que desligassem.

Jesus atuava humanamente sobre a imaginação humana de seus discípulos, quando, pronunciando palavras positivas, se dirigia àqueles a quem falava. Ao mesmo tempo, aludia figuradamente à missão de todos os que, como os apóstolos, seriam encarregados de levar de porta em porta a palavra do Senhor. Dizemos figuradamente, porque ele se dirigia também às gerações futuras, que viriam a pôr-se nas condições necessárias à execução dessa obra. Se o preferis, podemos usar do termo profeticamente, se bem que aquela promessa devera cumprir-se em todos os séculos; porquanto, se é certo que tem havido pastores infiéis, não menos certo é que sempre houve também guardas severos de seus rebanhos, praticantes da moral que pregavam de coração e não com os lábios unicamente. Esses se punham em condições de ligar e desligar na terra como no céu.

Os discípulos tinham que espalhar a verdade, como hoje vós outros espíritas tendes que a disseminar. Ponde-vos, pois, a caminho, e segui os discípulos do Cristo, que vos preparam as estradas. Entrai nelas resolutamente.

N. 131. Em face do que acabais de dizer: que "Jesus atuava humanamente sobre a imaginação humana de seus discípulos e figuradamente aludia à missão de todos os que seriam encarregados de levar de porta em porta a palavra do Senhor" - quais o sentido e o alcance destas palavras, referentes aos discípulos: "a fim de bem os persuadir de que por toda parte os acompanhava o Mestre, ligando o que eles ligassem e desligando o que desligassem; e destas outras referentes a todos os que, cumprida a missão terrena de Jesus, praticavam a moral que 'pregavam: "Esses se punham em condições de ligar e desligar na terra, como no céu."?"

Os verdadeiros sucessores dos discípulos de Jesus podiam alcançar os mesmos privilégios, com a condição de adquirirem e terem a mesma pureza. Assim é que aqueles dentre vós que, verdadeiros espíritas, tentarem, com todas as suas forças, elevar-se ao Senhor, podem ligar e desligar na terra, certos de que ligaram e desligaram igualmente no céu. Mas, a acepção verdadeira, na qual a vossa humildade deve entender essa faculdade, é a seguinte: o homem não pode traçar a linha de conduta que o Senhor haja de seguir, nem, por conseguinte, lhe ditar suas maneiras de ver. O Espírito encarnado, porém, tendo atingido um certo grau de elevação, pode e deve compreender, de antemão, as vontades do supremo Juiz. Eis porque, pelos atos humanos, o mesmo Espírito se encontra em estado de sentir, dentro de si, a sentença que será proferida e, pela sinceridade do arrependimento, a indulgência com que o juiz sentenciará. Tal o sentido em que deveis compreender aquelas palavras, que o orgulho humano falseou, fazendo-as exprimir um ato arbitrário, um tráfico vergonhoso, e não uma faculdade altíssima de cujo uso os que de tais palavras abusaram sentiam bem e sentem hoje mais do que nunca ser incapazes.

Servindo-nos dos termos - ligar e desligar, empregamos as expressões que as escrituras adotam e que explicaremos de modo especial, quando chegar a ocasião.

Os discípulos fiéis de Jesus eram Espíritos elevados, que se não deixavam dominar pelo sentimento da animosidade pessoal, que, com segurança, julgavam do Espírito e não do homem, visto que se achavam em condições de apreciar, pela inspiração que recebiam sob a influência e ação espíritas, o valor daqueles a quem se dirigiam. Se, portanto, encontravam Espíritos humildes e retos, eles os abençoavam, exortando-os a seguirem a trilha que lhes mostravam. E Jesus lhes aprovava o proceder. Se, ao contrário, topavam com Espíritos atrasados, cujas provas longe estavam de chegar a seu termo, rebeldes ao que lhes eles pregavam, sacudiam contra esses a poeira que traziam nos pés, isto é, se afastavam, porquanto os Espíritos de ordem superior não se juntam aos Espíritos culpados, endurecidos. E sobre estes deixava o Senhor cair o peso da expiação, por mais dolorosa que houvesse de ser.

Eis aqui os frutos do erro da igreja: apoiando-se nas palavras que Jesus dirigia a Espíritos encarnados, mas em missão, ela acreditou poder apossar-se da herança de infalibilidade que, naqueles Espíritos, o Espírito Santo viera selar, isto é, da infalibilidade que, por ordem do Senhor, lhes vinha da assistência, da inspiração, da proteção, do amparo e do concurso dos Espíritos superiores, esquecendo-se, entretanto, de chamar a si a herança de santidade, de virtudes e de elevação moral por eles deixada. Pretendeu ela, portanto, fazer uso de armas que era incapaz de manejar; ter em suas mãos, baldas da pureza das dos apóstolos e muitas vezes manchadas, a chave da morada de toda a pureza. Assim que, repeliu os eleitos e acolheu os repelidos. Voluntariamente cega, mergulhou cada vez mais nas trevas que o orgulho e a confiança em si mesmo geram. A igreja, porém, despertará; o sonho em que ainda se compraz, dissipar-se-á ao clarão da nova aurora.

A trombeta do juízo final vai retumbar para ela nos quatro cantos do mundo. Os

anjos do Senhor aparecerão em sua glória, não do modo por que ela o diz nas suas errôneas interpretações, mas na glória da pureza; e os discípulos de Jesus, reencarnando outra vez para acabarem a obra que começaram, virão ainda ligar e desligar na terra e o Senhor ligará e desligará no céu, pois que tal será deles a missão. E o julgamento não se achará inquinado de nulidade.

Coragem, filhos da nossa igreja, da Igreja do Senhor, aproximam-se os tempos em que os discípulos e o Mestre aparecerão de novo entre vós, em que vossos olhos desvendados verão o Justo nas nuvens do céu, em que os anjos, isto é, os Espíritos purificados, descerão à Terra para mais eficazmente vos estenderem seus braços fraternais.

Entoai cantos de alegria, rejubilai, rejubilai - os tempos se aproximam.

MATEUS, MARCOS, LUCAS e JOÃO,
Assistidos pelos Apóstolos.

N. 132. Quais o sentido, o objeto e o fim destas palavras de Jesus aos apóstolos: "Não procureis os Gentios e não entreis nas cidades dos Samaritanos; ide antes em busca das ovelhas perdidas da casa de Israel"?

Queria antes de tudo ensinar o apoio aos parentes, apertar, já o dissemos, aos olhos dos homens, os laços da família, da fraternidade, da pátria. Queria igualmente evitar se alvorotassem desde logo os preconceitos dos Judeus, que se julgavam os únicos aptos a receber os benefícios do Senhor. Estes bradariam - sacrilégio, se vissem os discípulos de Jesus falar de arrependimento e pregar o amor de Deus aos que eles, os Judeus, consideravam excluídos, pelo pai de todos os homens, da parte da herança que lhes devia tocar.

A pregação aos Gentios se faria mais tarde, a tempo e à hora.

Os Samaritanos, como sabeis, formavam uma seita dissidente do hebraísmo. Gentios eram todos os que não professavam a fé dos Judeus.

E os destas outras palavras: "Ide e pregai, dizendo: "O reino de Deus está próximo"!

O reino de Deus está próximo todas as vezes que o homem aceita os meios de chegar a esse reino. O Cristo ensinava aos homens as virtudes humanas que lhes abreviariam a série das provações terrenas. O reino dos céus estava próximo para os que lhe seguiam os ensinamentos.

Ainda hoje, hoje mais do que então, o Cristo, por nosso intermédio, diz aos verdadeiros espíritas: O reino dos céus está próximo, pois que não mais se vos indicam caminhos indiretos para lá chegar; pois que não mais podeis extraviar-vos tomando uma direção falsa. Servindo-se dos Espíritos do Senhor, que vos trazem a nova revelação, ele vos mostra a estrada reta e contínua por onde cumpre enveredeis. Ele

vos assinala previamente, apontando-os com o dedo, mediante essa revelação, os obstáculos que vos detiveram os passos até agora, e diz: Evitai-os; eu vos estendo as mãos para vos ajudar a transpô-los. Mostra-vos os sítios de repouso onde podereis readquirir as forças prestes a vos abandonarem: a prece, o amor e a fé praticados sinceramente e não com os lábios apenas. Mostra-vos a fé a vos clarear o caminho com o seu facho divino, caído o véu que por tanto tempo vos impedira de ver essa claridade benfazeja, que restitui aos cegos a vista. Mostra-vos a esperança estendendo-vos a mão e vos conduzindo, filhos dóceis e submissos, ao lugar onde descansareis. Mostra-vos, enfim, o amor, o amor poderoso e vivificante do vosso Deus, abrindo-vos as portas do santuário, pensando-vos as chagas, curando-vos as feridas; o amor do vosso Deus que, no limiar da morada celeste, vos diz: Vinde todos vós que chamei dos quatro cantos do mundo; vinde aqui gozar do repouso e da frescura.

Não vos equivoqueis quanto ao sentido destas palavras figuradas que acabamos de vos dirigir e que a vossa inteligência humana pode facilmente compreender.

O lugar onde descansareis é o espaço infinito, onde os Espíritos bem-aventurados gozam, numa eterna atividade, da alegria dos eleitos, que todos os homens são chamados a gozar e da qual todos gozarão.

O repouso e a frescura exprimem a calma de que desfruta o Espírito que chegou ao termo de suas provações, mediante a comparação com um viajante extenuado que alcançou o lugar onde repousará, fruindo a calma e a frescura após a fadiga e os ardores do Sol. Mas, vós o sabeis, tanto para o Espírito que chegou ao termo de suas provas, como para o que percorre o caminho delas, o trabalho, e não o repouso numa inação e numa contemplação eternas, constitui a eterna lei, dentro da imensidade, na condição de obreiro e servo do pai que trabalha sempre, que criou, cria e criará por toda a eternidade. Todavia, para o Espírito que chegou ao fim de suas provações, o trabalho não é o que é para vós. Ele encontra no trabalho uma alegria, uma felicidade imensa, complemento da que lhe está prometida. O trabalho, para nós, é mil vezes mais suave do que, para vós, o repouso indolente da vossa existência.

N. 133. Qual, despojado da letra o espírito, em espírito e em verdade, a significação do v. 1 de Mateus: "Ele deu aos doze discípulos poder sobre os Espíritos impuros, a fim de que os expulsassem e o de curar todos os males e enfermidades"; - do V. 15 de Marcos: "E lhes deu o poder de curar as doenças e de expulsar os demônios"; - do v. 1 de Lucas: "Jesus, tendo reunido seus doze apóstolos, lhes deu poder e autoridade sobre todos os demônios e o poder de curar as enfermidades"? - Qual a destas palavras de Jesus (v. 8 de Mateus): "Restituí a saúde aos doentes, ressuscitei os mortos, limpei os leprosos, expulsai os demônios"?

Os discípulos de Jesus, como já dissemos, eram Espíritos elevados, encarnados em missão, que aceitaram as condições rigorosas da primeira fase de suas existências humanas, da fase que lhes precedeu à vocação, a fim de concorrerem para a

obra de redenção. Em seus trabalhos tiveram o auxílio dos Espíritos superiores que os acompanharam sempre, neutralizando neles a influência da carne sobre o Espírito, adicionando-lhes às faculdades as de que dispunham. Desse concurso resultaram as grandes coisas que os apóstolos realizaram.

Eles aceitaram aquela existência humana, cuja primeira parte devia transcorrer em condições tão humildes quanto vulgares, a fim de melhor fazerem sentir a transformação do portageiro, do pescador ignorante em homem inspirado, manejador de todos os idiomas e capaz de operar milagres à vista das nações espantadas.

Assim, Jesus deu aos apóstolos poder e autoridade sobre todos os maus Espíritos, o poder de curar todos os males e enfermidades, de restituir a saúde aos doentes, de ressuscitar os mortos, de purificar os leprosos, de expulsar os Espíritos maus, chamados ao mesmo tempo "demônios" e "Espíritos impuros" - dando-lhes a assistência, o apoio e o concurso dos Espíritos superiores, sustentados estes pelos Espíritos puros, que tinham poder imediato sobre todos os maus Espíritos, bem como o de curar todas as enfermidades, ressuscitar os mortos segundo o entender dos homens.

Os apóstolos eram médiuns, quer dizer: intermediários entre os Espíritos superiores que os assistiam e os homens. Com o auxílio das faculdades mediúnicas, sob a ação e a influência medianímicas, é que eles obraram e falaram, a fim de concorrerem para a obra de redenção.

Para expulsarem os maus Espíritos, isto é, para libertarem os homens da subjugação, tanto corporal, como corporal e moral, ordenavam aos obsessores que se afastassem da vítima, empregando as mesmas palavras de que usava Jesus: "Sai desse homem". E os obsessores se afastavam no mesmo instante por ato da vontade dos Espíritos superiores, sustentada, se necessário, pela dos Espíritos puros.

Para restituir a saúde aos doentes, limpar os leprosos, curar todos os males e enfermidades, impunham as mãos ou ungiam com óleo os enfermos, obrando por ato da própria vontade e pela ação magnética humana. Ao mesmo tempo, os Espíritos superiores, associando sua vontade à deles por meio do magnetismo espiritual, escolhiam e lhes punham ao alcance os fluidos apropriados aos efeitos, aos resultados que tinham de ser obtidos, à cura que se havia de operar.

Ungiam com óleo muitos doentes apenas para tornar a ação que exerciam mais compreensível aos homens. Nenhuma necessidade tinham, para obterem a cura, de recorrer a esses meios materiais, externos, porquanto a mão do magnetizador humano, ou a vontade do Justo teriam enviado, sem isso, ao organismo os fluidos de que se achavam carregados os óleos empregados. Aplicando o das oliveiras, usavam dos meios postos a seu alcance, a fim de mostrarem que tudo pode servir para a execução dos desígnios de Deus, quando se tem a fé.

Quanto a estas palavras de Jesus aos apóstolos: "Ressuscitai os mortos", tratai de as compreender em espírito e em verdade.

As leis naturais, que Deus estabeleceu desde toda a eternidade, são imutáveis, já o temos dito, e a vontade também imutável de Deus não as derroga nunca, nem

jamais força o Espírito a se unir à podridão, a um cadáver.

Jesus precisava, a bem do êxito de sua missão terrena, para que ela produzisse os devidos frutos naquele momento e no futuro, impressionar fortemente a imaginação dos homens materiais e atrasados da época, apropriando, ao mesmo tempo, a linguagem de que se servia a seus preconceitos e crenças. Precisava preparar as gerações que teriam de receber, nos tempos determinados pelo Senhor e quando o indispensável progresso estivesse realizado, a nova revelação que fora predita e que hoje vos é trazida pelos Espíritos, órgãos do Espírito da verdade.

Quando Jesus dizia aos apóstolos: "Ide... e ressuscitai os mortos", empregava palavras humanas, conhecidas e compreendidas. Nenhum termo havia com que se exprimisse o estado cataléptico e a volta do Espírito ao corpo a que se achava ligado e preso pelo laço fluídico do perispírito.

O estado cataléptico, reconhecido mais tarde, era quase ignorado dos antigos que, solícitos em afastar de si os focos de infecção, queimavam seus "mortos", ou os encerravam em túmulos, logo que se apresentavam sinais indicadores, para eles, da cessação da vida. Quantas expiações pelo fogo ou pela fome se verificaram assim naquelas épocas em que a ignorância dos homens servia para que muitos pagassem crimes cometidos em anteriores existências!

Vimos de dizer que os antigos quase ignoravam o estado cataléptico, porque apenas alguns homens mais adiantados tinham dele noção. Esta era, porém, vaga, porquanto não a compreendiam, nem científica, nem espiriticamente.

Os apóstolos, os discípulos, a multidão que se premia em torno de Jesus, a turba dos escribas, dos fariseus e dos sacerdotes o desconheciam completamente.

Os evangelistas, médiuns historiadores inspirados, reproduziram, debaixo da influência e da inspiração mediúnicas, tal qual Jesus as pronunciara, estas palavras: "Ide... e ressuscitai os mortos". Empregaram as expressões de que dispunham para relatar os fatos, mas sem possuírem o segredo do pensamento que Jesus ocultara sob aquelas palavras, as quais, para eles como para os outros homens, ficavam sujeitas às interpretações humanas.

Já o dissemos e explicamos: todas as ressurreições de pessoas consideradas mortas pelos homens, de que falam tanto o Antigo Testamento como a Boa-Nova, não foram mais do que a cessação do estado cataléptico. Todos os indivíduos tidos por mortos se achavam nesse estado, não se havendo produzido neles o rompimento do laço que prende o Espírito ao corpo.

Considerados por todos como mortos, mortos teriam eles ficado realmente, se não fora o socorro dos Espíritos puros, dos Espíritos superiores que, com a sua vontade poderosa e com o seu poder magnético, assistiam - tanto aos profetas que, inconscientes dessa assistência e desse concurso, atribuíam, do mesmo modo que os outros homens, a ressurreição do morto a uma ação direta do próprio Deus - como aos apóstolos que, inconscientes também dessa assistência e desse concurso, atribuíam, do mesmo modo que os outros homens, a ressurreição a uma ação direta do próprio

Mestre.

Quer com relação aos profetas, quer com relação aos apóstolos, os Espíritos puros, os Espíritos superiores obravam sob a direção de Jesus, pois, como sabeis e nunca deveis perder de vista, Jesus é o protetor e o governador do vosso planeta, é quem presidiu à sua formação e quem desde então o dirige, como também o é da humanidade terrena, que será por ele conduzida à perfeição.

N. 134. Qual o sentido destas palavras de Jesus: "Dai de graça o que de graça recebestes"?

No pensamento de Jesus, essas palavras eram ditas para aquele momento, mas também para o futuro.

A mediunidade, as faculdades mediúnicas que os apóstolos possuíam, a assistência e o concurso dos Espíritos puros e dos Espíritos superiores eram, ao mesmo tempo e concomitantemente, os meios pelos quais, no desempenho de suas missões, eles espalhavam a Boa-Nova, pregavam o reino de Deus, curavam as moléstias e enfermidades, ressuscitavam os que os homens consideravam mortos, expulsavam os maus Espíritos. E essa mediunidade, essas faculdades mediúnicas, essa assistência e esse concurso eram um dom gratuito de Deus.

Dizendo aos apóstolos: "Dai de graça o que de graça recebestes", Jesus lhes ensinava que as coisas de Deus jamais devem constituir objeto de tráfico, de especulação, de meio de existência material humana; que, no desempenho das missões de que se achavam investidos, suas palavras e seus atos não deviam ter por móvel senão o amor a Deus, o amor ao próximo, a humildade e o mais absoluto desinteresse.

Aquelas palavras também eram dirigidas aos que, médiuns, investidos de faculdades mediúnicas, seriam chamados a servir de intérpretes aos bons Espíritos, de seus intermediários junto dos homens; a todos os que, apóstolos da nova revelação, inspirados pelos Espíritos do Senhor, seriam chamados a pregar a lei de Jesus, explicada em espírito e verdade e desenvolvida por essa mesma revelação.

O Cristo, por nosso intermédio, diz a vós outros espíritos, médiuns, como disse aos apóstolos: "Dai de graça, seguindo-lhes as pegadas, o que de graça haveis recebido", porquanto, para vós como para eles, tudo vem de Deus e vos é dado de graça, a fim de desempenhardes a vossa tarefa.

N. 135. Em face dos termos dos v. 9 e 10 de Mateus, 8 e 9 de Marcos, 3 de Lucas, quais foram, na realidade, as palavras ditas por Jesus?

"Não tenhais e não leveis convosco nem saco, nem pão, nem ouro, nem prata, nem moeda nos vossos cintos; não tenhais duas túnicas; tomai um bordão para vos apoiardes durante a viagem e colocai aos pés sandálias para suportardes a caminhada".

N. 136. Quais o sentido e o alcance dessas palavras de Jesus?

Por esse mandamento dado aos apóstolos, o Cristo ensinava a homens materiais o desprezo dos bens terrenos e a confiança na bondade do Senhor.

Para os homens dos vossos dias, para vós, espíritas, consideradas aquelas palavras como ditas por Jesus tendo em vista o futuro, o ensino é este: "Não ligueis vossa vida às coisas sem duração, mas às que não perecem; não cuideis antecipadamente de vos proverdes de erudição e de ciência perecíveis e sim de vos instruídes no que conduz à vida eterna". Não quer isto dizer que vos concitamos a desprezar os estudos e os cuidados que a vossa existência humana reclama. Esta tem exigências a que deveis submeter-vos, é uma obrigação a cumprir; mas, não deveis torná-las o objetivo único da vossa vida. Armazenai, portanto, o pão que sustenta o corpo, tanto para vós como para os vossos irmãos que não tiverem podido fazer o mesmo; porém, armazenai sobretudo o pão da vida. Adquiri a instrução necessária ao desenvolvimento da vossa inteligência; mas, adquiri principalmente a instrução preciosa que vos elevará o Espírito.

N. 137. Como devem ser entendidas estas palavras de Jesus: "Ao entrardes em qualquer cidade ou aldeia, perguntai onde há um justo e em sua casa permaneci até que partais de novo e, ao penetrardes na casa, saudai-a, dizendo: Que a paz esteja nesta casa; se a casa for digna disso, vossa paz descera sobre ela; se o não for, vossa paz voltará para vós"?

Entrando na casa do justo, os discípulos de Jesus pediam as bênçãos do Senhor e, por conseguinte, a proteção dos bons Espíritos para aquele que os acolhera. Se, no entanto, falsa era a apreciação humana, se o homem considerado justo por seus irmãos era velhaco e mentiroso, se era hipócrita, como o homem pode iludir os outros homens, porém não engana a Deus, as bênçãos, em vez de descerem sobre ele, caíam sobre o que delas se mostrava digno, afastavam-se do coração viciado e, com solicitude, acompanhavam o coração puro.

O justo é aquele que se esforça por trilhar os caminhos do Senhor e por não sair deles; é o que pratica, em toda a extensão, as virtudes impostas aos homens como condição para chegarem a Deus; é o que pratica a verdadeira caridade; o que se oculta, vela seus atos e palavras, se faz humilde ante os homens e procura mesmo fazer-se humilde no segredo do coração; porquanto, se sois caridosos, mas confiais em que praticastes um ato meritório de que outros não seriam capazes, bem insignificante é o vosso mérito. O justo é aquele que faz o bem sem egoísmo, sem idéia preconcebida, sem esperar o reconhecimento dos beneficiados ou o louvor dos indiferentes e, ainda mais, sem contar com a recompensa que possa obter do Mestre. O justo é aquele que tem fé, forte e tenaz, que não pode ser abalada, que a tudo resiste, fé bondosa para com todos, que não se impõe pela força, que se insinua pouco a pouco pelo exemplo e

pela prática das boas obras, fé que pode levar os outros homens a dizerem dele: "Porque não tenho a sua fé?" - "Ali está um justo aos olhos de Deus".

N. 138. Quais são, despojado da letra o espírito, em espírito e em verdade, o sentido e o alcance destas palavras de Jesus: "Quando encontrardes pessoas que não vos queiram receber nem escutar, sacudi, ao vos retirardes, a poeira dos vossos pés, a fim de que isso constitua um testemunho contra elas; em verdade vos digo: No dia do juízo, menos rigor haverá para com a terra de Sodoma e de Gomorra do que para com essa cidade"?

Essas palavras, segundo o pensamento de Jesus, eram ditas para aquela época e para os tempos vindouros. Dirigiam-se não só aos discípulos de então, como também aos que viriam a ser discípulos na era nova.

Aqueles, a quem o Senhor envia a luz e que recusam aceitá-la, mais culpados são do que os que, imersos nas trevas, nenhum socorro direto recebem para sair delas. Não vos conserveis perto dos primeiros, não percais vosso tempo a pregar aos que não querem ouvir. Consagrai-o antes aos que se acham dispostos a enveredar pelo novo caminho.

Vosso tempo é precioso; ide, pois, trabalhar sempre na vinha do Senhor. Ela se abre em aléias diante de vós e borda o caminho, mas nem todas as cepas são boas. Quando houverdes tentado melhorar as que vos pareçam estéreis, se virdes que, mau grado aos vossos esforços, não dão fruto algum, deixai-as, seu tempo ainda não chegou, e passai a outras em que, com afetuosos e inteligentes cuidados, podereis observar o desenvolvimento dos sucos, que dão força e vida.

Não percais o vosso tempo. Trabalhai sempre com ardor, mas trabalhai caminhando para a frente, pois tendes que percorrer estrada longa para chegardes ao fim.

Sim, no dia do juízo, houve e haverá menos rigor para com as terras de Sodoma e de Gomorra, quer dizer: para com os Espíritos culpados que, imersos nas trevas, não tiveram socorro algum direto a fim de sair delas, do que para com "essa cidade", isto é, do que para com os Espíritos rebeldes e culpados que recusaram receber a luz que o Mestre ainda hoje lhes envia por intermédio de seus novos discípulos, os apóstolos da nova revelação.

Sim, quem rejeitou todos os socorros para se tornar melhor é um Espírito obstinado no mal. Longa será por isso a duração das suas provas e expiações: eternidades de sofrimentos correspondendo a eternidades de faltas. Quer isto dizer que os sofrimentos ou torturas morais, apropriados e proporcionados às faltas, ao grau de culpabilidade, suportados na erraticidade após a morte, ao fim de cada existência sucessiva, e a reencarnação, nos mundos inferiores de expiação, se reproduzirão, para o Espírito culpado, até que, por meio de provações bem sofridas, deixe ele de se manter rebelde à lei de reparação e de progresso, segundo a qual se purificará, para tomar lugar entre os bons Espíritos, o que ocorrerá quando, por se haver tornado incapaz de praticar o

mal, só o seja de praticar o bem.

Empregamos a palavra - eternidade, tendo em vista a vossa locução - penas eternas. Dizemos - eternidades: não percebeis que é figurado o sentido desse termo? A única eternidade existente, que se possa citar, é Deus.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO - CAPÍTULO XXVI DAI GRATUITAMENTE O QUE GRATUITAMENTE RECEBESTES

Preces pagas

3. Disse em seguida a seus discípulos, diante de todo o povo que o escutava: -Precatai-vos dos escribas que se exibem a passear com longas túnicas, que gostam de ser saudados nas praças públicas e de ocupar os primeiros assentos nas sinagogas e os primeiros lugares nos festins - que, a pretexto de extensas preces, devoram as casas das viúvas. Essas pessoas receberão condenação mais rigorosa. (S. LUCAS, cap. XX, vv. 45 a 47; S. MARCOS, cap. XII, vv. 38 a 40; S. MATEUS, cap. XXIII, v. 14.)

4. Disse também Jesus: não façais que vos paguem as vossas preces; não façais como os escribas que, “a pretexto de longas preces, devoram as casas das viúvas”, isto é, abocanham as fortunas. A prece é ato de caridade, é um arroubo do coração. Cobrar alguém que se dirija a Deus por outrem é transformar-se em intermediário assalariado. A prece, então, fica sendo uma fórmula, cujo comprimento se proporcione à soma que custe. Ora, uma de duas: Deus ou mede ou não mede as suas graças pelo número das palavras. Se estas forem necessárias em grande número, por que dizê-las poucas, ou quase nenhuma, por aquele que não pode pagar? E falta de caridade. Se uma só basta, é inútil dizê-las em excesso. Por que então cobrá-las? É prevaricação.

Deus não vende os benefícios que concede. Como, pois, um que não é, sequer, o distribuidor deles, que não pode garantir a sua obtenção, cobraria um pedido que talvez nenhum resultado produza? Não é possível que Deus subordine um ato de clemência, de bondade ou de justiça, que da sua misericórdia se solicite, a uma soma em dinheiro. Do contrário, se a soma não fosse paga, ou fosse insuficiente, a justiça, a bondade e a clemência de Deus ficariam em suspenso. A razão, o bom senso e a lógica dizem ser impossível que Deus, a perfeição absoluta, delegue a criaturas imperfeitas o direito de estabelecer preço para a sua justiça. A justiça de Deus é como o Sol: existe para todos, para o pobre como para o rico. Pois que se considera imoral traficar com as graças de um soberano da Terra, poder-se-á ter por lícito o comércio com as do soberano do Universo?

Ainda outro inconveniente apresentam as preces pagas: é que aquele que as compra se julga, as mais das vezes, dispensado de orar ele próprio, porquanto se considera quite, desde que deu o seu dinheiro. Sabe-se que os Espíritos se sentem tocados pelo fervor de quem por eles se interessa. Qual pode ser o fervor daquele que comete a terceiro o encargo de por ele orar, mediante paga? Qual o fervor desse terceiro, quando delega o seu mandato a outro, este a outro e assim por diante? Não será isso reduzir a eficácia da prece ao valor de uma moeda em curso?

OS QUATRO EVANGELHOS - TOMO III

MATEUS, Cap. XXIII, vv. 1-7. - MARCOS, Capítulo XII, vv. 38-40. -
LUCAS, Cap. XX, vv. 45-47

Orgulho e hipocrisia dos escribas e dos fariseus. - Ouvi-los, porém não os imitar

MATEUS: V. 1. Falou então Jesus ao povo e a seus discípulos, - 2, dizendo: Na cadeira de Moisés se sentaram os escribas e os fariseus. - 3. Observai e fazei, pois, o que eles vos disserem, porém não os imiteis nas suas obras, porquanto dizem, mas não fazem. - 4. Atam pesados e insuportáveis fardos e os colocam sobre os ombros dos homens e no entanto nem ao menos com o dedo os querem tocar. - 5. Todas as suas ações eles as praticam para serem vistos pelos homens; daí o alargarem seus filactérios e alongarem suas franjas. - 6. Querem os primeiros lugares nos banquetes e os primeiros assentos nas sinagogas. - 7. Gostam de que os saúdem nas praças públicas e de que os homens lhes chamem mestres.

MARCOS: V. 38. E lhes dizia, segundo o seu modo de ensinar: Guardai-vos dos escribas, que gostam de andar com amplas vestes e de ser saudados nas praças públicas; - 39, de ocupar os primeiros assentos nas sinagogas e os primeiros lugares nos banquetes; - 40, que devoram as casas das viúvas a pretexto de longas orações. Com mais rigor serão eles julgados.

LUCAS: V. 45. Diante de todo o povo que o ouvia, disse ele a seus discípulos: - 46. Guardai-vos dos escribas, que querem andar com longas vestes, que gostam de ser saudados nas praças públicas, de ocupar os primeiros assentos nas sinagogas e os primeiros lugares nos banquetes; - 47, que devoram as casas das viúvas, simulando longas orações. Maior condenação receberão eles.

N. 265. Em todos os tempos, houve sempre doutores que pregam e ensinam, mas não praticam a moral que preconizam. Aí está o escolho.

A semente que dessa forma lançam pode cair em bom terreno e produzir. Mas, também amiúde se perde, porquanto o exemplo constitui o melhor ensinamento.

Poderá o discípulo que preparardes queixar-se da severidade dos costumes que lhe impondes, se a observar nos vossos? Se vos vir indulgente para com os outros, deixará ele de compreender a indulgência? Se lhe fizerdes ver como se pratica a caridade, não será mais pronto em se mostrar caridoso? Não amará a seus irmãos, se com ele praticardes o amor?

Entretanto, não desanime aquele que prega e não pratica. Trate de aplicar a si

mesmo o que ensina por palavras e chegará a exemplificar os seus preceitos. E, assim, mais facilmente atrairá as massas, pois que nada é tão eloqüente quanto o exemplo.

Não imiteis os escribas e fariseus orgulhosos. Tornai leve o fardo dos vossos irmãos, mostrando-lhes, por vós mesmos, como se pode carregá-lo sem fadiga.

Dar-se-á que o Cristianismo, mas sobretudo o Catolicismo não haja produzido os frutos evangélicos, que deviam produzir, porque, tanto no passado, como no presente, estas palavras do Mestre: "Observai e fazei o que vos disserem, porém não os imiteis nas suas obras, porquanto dizem, mas não fazem" se tornaram freqüentemente aplicáveis aos que hão pregado e ensinado a sua moral, aos escribas e fariseus que lhe tomaram a cadeira, como aos escribas e fariseus que pregavam e ensinavam sentados na cadeira de Moisés?

Sim, de certo. É que mais fácil é falar do que obrar.

OS QUATRO EVANGELHOS - TOMO III

MATEUS, Cap. XXIII, vv. 13-22

Escribas e fariseus hipócritas

V. 13. Mas, ai de vós, escribas e fariseus hipócritas, que fechais aos homens o reino dos céus, pois nem entraís nem deixais que entrem os que desejam entrar. - 14. Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas, que, com as vossas longas orações, devorais as casas das viúvas: mais rigoroso será por isso o vosso julgamento. - 15. Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas, que rodeais o mar e a terra para fazer um prosélito e que, depois de o terdes feito, o tornais duplamente mais merecedor da geena do que vós. - 16. Ai de vós, guias cegos que dizeis: Jurar um homem pelo templo nada é, mas aquele que jurar pelo ouro do templo fica obrigado a cumprir o seu juramento. - 17. Estultos e cegos! qual o que vale mais: o ouro, ou o templo, que santifica o ouro? - 18. Jurar pelo altar, dizeis, nada é, mas aquele que jurar pela oferenda que está sobre o altar fica obrigado a cumprir o seu juramento. - 19. Cegos! que é o que mais vale: a oferenda, ou o altar que santifica a oferenda? - 20. Quem, pois, jura pelo altar jura por este e por tudo o que sobre ele está; - 21, quem jura pelo templo jura por este e por aquele que o habita; - 22, quem jura pelo céu jura pelo trono de Deus e por aquele que nele está assentado.

N. 267. Ai dos que, afastando-se da senda traçada pelo Justo, dela desviam os que se esforçam por trilhá-la, a fim de os induzir aos erros que propagam.

Ai dos que se abrigam por detrás de uma fé que não têm, a fim de abusarem da credulidade dos homens e desta se aproveitarem para a consecução de seus fins!

Ai dos que, aparentando ter fé, arrastam para suas veredas e fazem cair nos seus desregramentos os que delas se conservavam afastados.

Ai dos pérfidos e dos hipócritas, que mercadejam com as suas orações e vendem as graças do Senhor, assim como a entrada na morada divina!

Ai deles, pois verão quão falsos eram seus caminhos e sentirão quão criminosos eles próprios foram. O remorso e a expiação lhes virão curvar as frentes orgulhosas e dobrar os joelhos inteiriçados!

Cegos guias de cegos, que emaranhais os homens numa teia inextricável de puerilidades culposas, bem sabeis, ó guias de Israel, guias das ovelhas do pastor, bem sabeis que as leis mesquinhas e arbitrarias que decretais são cadeias pesadas que tolhem os passos daqueles que devíeis fazer avançar, que os detêm na sua marcha. E vós outros, cegos também, e que, no entanto, para verdes a luz bastaria abrisseis os olhos, porque vos submeteis a um jugo que a razão repele?

Não jureis, oh! não jureis, raça fraca, nem pelo altar, nem pelo templo, nem pelo

céu. Não jureis, que não tendes forças para cumprir os vossos juramentos. Sejam simples as vossas palavras. Dizei apenas : Sim, sim; não, não. Os sentimentos verdadeiros não precisam de palavras fortes para se exprimirem. A simplicidade é companheira da verdade.

Não jureis, não façais juramento e não exijais que vossos irmãos jurem. Sabeis se eles poderão cumprir o que juraram? Sede simples nas vossas palavras como nos vossos atos. Tende por vossa garantia, assim diante dos homens, como diante de Deus: - a pureza do coração.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO - CAPÍTULO XXVI DAI GRATUITAMENTE O QUE GRATUITAMENTE RECEBESTES

Mercadores expulsos do templo

5. *Eles vieram em seguida a Jerusalém, e Jesus, entrando no templo, começou por expulsar dali os que vendiam e compravam; derribou as mesas dos cambistas e os bancos dos que vendiam pombos: - e não permitiu que alguém transportasse qualquer utensílio pelo templo. - Ao mesmo tempo os instruíu, dizendo: Não está escrito: Minha casa será chamada casa de oração por todas as nações? Entretanto, fizestes dela um covil de ladrões! - Os príncipes dos sacerdotes, ouvindo isso, procuravam meio de o perderem, pois o temiam, visto que todo o povo era tomado de admiração pela sua doutrina. (S. MARCOS, cap. XI, vv. 15 a 18; - S. MATEUS, cap. XXI, vv. 12 e 13.)*

6. Jesus expulsou do templo os mercadores. Condenou assim o tráfico das coisas santas sob qualquer forma. Deus não vende a sua bênção, nem o seu perdão, nem a entrada no reino dos céus. Não tem, pois, o homem, o direito de lhes estipular preço.

Mediunidade gratuita

7. Os médiuns atuais - pois que também os apóstolos tinham mediunidade - igualmente receberam de Deus um dom gratuito: o de serem intérpretes dos Espíritos, para instrução dos homens, para lhes mostrar o caminho do bem e conduzi-los à fé, não para lhes vender palavras que não lhes pertencem, a eles médiuns, visto que não são fruto de suas concepções, nem de suas pesquisas, nem de seus trabalhos pessoais. Deus quer que a luz chegue a todos; não quer que o mais pobre fique dela privado e possa dizer: não tenho fé, porque não a pude pagar; não tive o consolo de receber os encorajamentos e os testemunhos de afeição dos que pranteio, porque sou pobre. Tal a razão por que a mediunidade não constitui privilégio e se encontra por toda parte. Fazê-la paga seria, pois, desviá-la do seu providencial objetivo.

8. Quem conhece as condições em que os bons Espíritos se comunicam, a repulsão que sentem por tudo o que é de interesse egoístico, e sabe quão pouca coisa se faz mister para que eles se afastem, jamais poderá admitir que os Espíritos superiores estejam à disposição do primeiro que apareça e os convoque a tanto por sessão. O simples bom senso repele semelhante idéia. Não seria também uma profanação evocarmos, por dinheiro, os seres que respeitamos, ou que nos são caros? E fora de dúvida que se podem assim obter manifestações; mas, quem lhes poderia garantir a sinceridade? Os Espíritos levianos, mentirosos, brincalhões e toda a caterva dos Espíritos inferiores, nada escrupulosos, sempre acorrem, prontos a responder ao que se lhes pergunte, sem se preocuparem com a verdade. Quem, pois, deseje comunicações sérias deve, antes de tudo, pedi-las seriamente e, em seguida, inteirar-se da natureza das simpatias do médium com os seres do mundo espiritual. Ora, a primeira condição para se granjear a benevolência dos bons Espíritos é a humildade, o

devotamento, a abnegação, o mais absoluto desinteresse moral e material.

9. A par da questão moral, apresenta-se uma consideração efetiva não menos importante, que entende com a natureza mesma da faculdade. A mediunidade séria não pode ser e não o será nunca uma profissão, não só porque se desacreditaria moralmente, identificada para logo com a dos ledores da boa-sorte, como também porque um obstáculo a isso se opõe. E que se trata de uma faculdade essencialmente móvel, fugidia e mutável, com cuja perenidade, pois, ninguém pode contar. Constituiria, portanto, para o explorador, uma fonte absolutamente incerta de receitas, de natureza a poder faltar-lhe no momento exato em que mais necessária lhe fosse. Coisa diversa é o talento adquirido pelo estudo, pelo trabalho e que, por essa razão mesma, representa uma propriedade da qual naturalmente lícito é, ao seu possuidor, tirar partido. A mediunidade, porém, não é uma arte, nem um talento, pelo que não pode tornar-se uma profissão. Ela não existe sem o concurso dos Espíritos; faltando estes, já não há mediunidade. Pode subsistir a aptidão, mas o seu exercício se anula. Daí vem não haver no mundo um único médium capaz de garantir a obtenção de qualquer fenômeno espírita em dado instante. Explorar alguém a mediunidade é, conseguinte-mente, dispor de uma coisa da qual não é realmente dono. Afirmar o contrário é enganar a quem paga. Há mais: não é de si próprio que o explorador dispõe; é do concurso dos Espíritos, das almas dos mortos, que ele põe a preço de moeda. Essa idéia causa instintiva repugnância. Foi esse tráfico, degenerado em abuso, explorado pelo charlatanismo, pela ignorância, pela credulidade e pela superstição que motivou a proibição de Moisés. O moderno Espiritismo, compreendendo o lado sério da questão, pelo descrédito a que lançou essa exploração, elevou a mediunidade à categoria de missão. (Veja-se: O Livro dos Médiuns, 2ª Parte, cap. XXVIII. - O Céu e o Inferno, 1ª Parte, cap. XI.)

10. A mediunidade é coisa santa, que deve ser praticada santamente, religiosamente. Se há um gênero de mediunidade que requeira essa condição de modo ainda mais absoluto é a mediunidade curadora. O médico dá o fruto de seus estudos, feitos, muita vez, à custa de sacrifícios penosos. O magnetizador dá o seu próprio fluido, por vezes até a sua saúde. Podem pôr-lhes preço. O médium curador transmite o fluido salutar dos bons Espíritos; não tem o direito de vendê-lo. Jesus e os apóstolos, ainda que pobres, nada cobravam pelas curas que operavam.

Procure, pois, aquele que carece do que viver, recursos em qualquer parte, menos na mediunidade; não lhe consagre, se assim for preciso, senão o tempo de que materialmente possa dispor. Os Espíritos lhe levarão em conta o devotamento e os sacrifícios, ao passo que se afastam dos que esperam fazer deles uma escada por onde subam.

OS QUATRO EVANGELHOS - TOMO III

MATEUS, Cap. XXI, vv. 1-17. - MARCOS, Cap. XI, vv. 1-11 e 15-19. -
LUCAS, Cap. XIX, vv. 28-48

Entrada de Jesus em Jerusalém. - Mercadores expulsos do templo. - A casa do Senhor é casa de oração e não, pelo tráfico, um covil de ladrões. Predição da ruína de Jerusalém

MATEUS : V. 1. Quando se aproximavam de Jerusalém, ao chegarem a Betfagé, perto do monte das Oliveiras, Jesus enviou dois de seus discípulos, - 2, dizendo-lhes: Ide a essa aldeia que vos está defronte e lá encontrareis amarrada uma jumenta com o seu jumentinho; desamarrai-a e trazei-mos. - 3. Se alguém vos disser qualquer coisa, respondei que o Senhor precisa deles e logo vo-los deixarão trazer. - 4. Ora, tudo isso aconteceu, para que se cumprisse o que fora dito pelo profeta: - 5. "Dizei à Filha de Sião" : Eis que vem a ti o teu rei, cheio de doçura, montado numa jumenta e trazendo o jumentinho da que está sob o jugo." - 6. Os discípulos foram e fizeram como Jesus lhes ordenara. - 7. Trouxeram a jumenta com o jumentinho, cobriram-nos com suas vestes e o fizeram montar. - 8. Da multidão muitos então estenderam pelo caminho suas roupas, enquanto outros cortavam ramos de árvores e os espalhavam pela estrada. - 9. E a turba toda, tanto os que iam a frente como os que vinham atrás, clamava: Hosana ao filho de David! Bendito o que vem em nome do Senhor! Hosana nas maiores alturas! - 10. Quando ele entrou em Jerusalém, a cidade toda se abalou e perguntavam: Quem é este? - 11. A multidão respondia: É Jesus, o profeta de Nazaré da Galiléia. - 12. Jesus entrou no templo de Deus e expulsou todos os que ali vendiam e compravam; derrubou as mesas dos cambistas e os bancos dos que vendiam pombas, - 13, dizendo-lhes: Está escrito: "Minha casa será chamada casa de oração". E fizestes dela um covil de ladrões. - 14. Vieram então ao templo cegos e coxos e ele os curou. - 15. Vendo, porém, as maravilhas que ele operava e ouvindo os meninos que clamavam no templo : Hosana ao filho de David, os príncipes dos sacerdotes e os escribas se indignaram, - 16, e lhe perguntaram: Ouves o que eles dizem? Respondeu-lhes Jesus: Sim. E nunca lestes isto: "Da boca dos meninos e das criancinhas que ainda mamam tiraste perfeito louvor"? - 17. E, deles se apartando, retirou-se da cidade e foi para Betânia, onde passou a noite.

MARCOS : V. 1. Quando se aproximavam de Jerusalém, ao chegarem a Betânia, perto do monte das Oliveiras, despachou dois de seus discípulos, - 2, dizendo-lhes: Ide àquela aldeia que está em frente de vós; ao entrardes nela, encontrareis amarrado um jumentinho no qual ainda ninguém montou.

Desamarrai-o e trazei-mo. - 3. Se alguém vos perguntar: Que fazeis? respondei: O Senhor precisa dele, e logo vo-lo deixarão trazer aqui. - 4. Partiram os dois discípulos e acharam o jumentinho, numa encruzilhada, amarrado do lado de fora de uma porta e o desamarraram. - 5. Alguns dos que por ali estavam lhes perguntaram: Que fazeis? Porque desamarrais esse jumentinho? - 6. Eles responderam como Jesus lhes determinara e os que os haviam interpelado deixaram que o levassem. - 7. Levaram então eles o jumentinho, cobriram-no com suas capas e Jesus montou-o. - 8. Muitos também estenderam suas vestes ao longo do caminho, enquanto outros cortavam ramos de árvores e os espalhavam por onde ele passava. - 9. E tanto os que iam à frente, como os que o seguiam clamavam: Hosana! - 10. Bendito o que vem em nome do Senhor! Bendito o reino, que vemos chegar, do nosso Pai David! Hosana nas alturas! - 11. Tendo entrado em Jerusalém, Jesus foi ao templo e, depois de tudo haver observado, como já fosse tarde, se retirou para Betânia com os doze apóstolos. - V. 15. Tendo voltado a Jerusalém, Jesus entrou no templo, donde expulsou os que ali vendiam e compravam; derrubou as mesas dos cambistas e os bancos dos que vendiam pombas. - 16. Não permitia que ninguém andasse pelo templo carregando qualquer vaso. - 17. E ensinava dizendo: Não está escrito que a minha casa será, entre todas as gentes, chamada casa de oração? E, no entanto, fizestes dela um covil de ladrões. - 18. Ouvindo isso, os príncipes dos sacerdotes e os escribas cogitavam do modo por que o haviam de perder, pois o temiam porque o povo se mostrava maravilhado da sua doutrina. - 19. Ao cair da tarde saiu ele da cidade.

LUCAS: V. 28. Depois de ter assim falado, Jesus, à frente de todos, tomou o caminho de Jerusalém. - 29. Ao aproximar-se de Betfagé e de Betânia, junto do monte chamado das Oliveiras, despachou dois de seus discípulos, - 30, dizendo-lhes: Ide àquela aldeia que nos está fronteira; ao entrardes lá, encontrareis amarrado um jumentinho no qual nunca ninguém montou; desamarrai-o e trazei-mo. - 31. Se alguém vos perguntar: Porque o soltais? respondei assim: Porque o Senhor precisa dele. - 32. Partiram os dois emissários e encontram o jumentinho como lhes fora dito. - 33. Quando o desamarravam, perguntaram os donos: Porque desamarrais esse jumentinho? - 34. Responderam: Porque o Senhor precisa dele. - 35. Levaram-lho então, cobriram-no com suas vestes e fizeram Jesus montá-lo. - 36. E muitos estendiam suas capas por onde ele passava. - 37. E quando ia começando a descer o monte das Oliveiras, a turba de seus discípulos começou, transportada de alegria, a louvar a Deus em altas vozes por todas as maravilhas que tinham presenciado, dizendo: - 38. Bendito o rei que vem em nome do Senhor! Paz no céu e glória nas alturas! - 39. Então, dentre o povo, alguns fariseus lhe disseram: Mestre, faze que teus discípulos se caleem. - 40. Ao que ele respondeu: Eu vos declaro que, se estes se calassem, clamariam as próprias pedras. -

41. Já perto de Jerusalém, ao contemplar a cidade, Jesus chorou por ela, dizendo: - 42. Ah! se ao menos neste dia que ainda te é concedido conhecesses aquele que te pode trazer a paz! Mas, por ora, tudo isto se conserva oculto aos teus olhos! - 43. Porque, desditosos dias te virão, em que teus inimigos levantarão trincheiras ao teu derredor, te porão cerco e te apertarão de todos os lados; - 44; em que te deitarão por terra, bem como a quantos de teus filhos estão dentro de ti, não deixando em ti pedra sobre pedra, por não teres conhecido o tempo da tua visitação. - 45. E, tendo entrado no templo, começou a expulsar os que ali vendiam e compravam, dizendo-lhes: - 46. Está escrito que minha casa é casa de oração; e dela fizestes um covil de ladrões! - 47. E todos os dias ensinava no templo. Entretanto, os príncipes dos sacerdotes, os escribas e os maiores do povo cogitavam de eliminá-lo. - 48. Não achavam, porém, o que lhe haviam de fazer, porquanto o povo ficava como que suspenso, ouvindo-o.

N. 247. A humildade praticada por Jesus constitui sempre o objetivo do ensinamento em geral. Nem pompa, nem luxo teve a sua entrada em Jerusalém, que se tornou triunfal apenas pelo entusiasmo que suas virtudes despertaram na multidão. Ele era sempre modesto e simples, como a moral que pregava e exemplificava.

Não vos preocupeis com as diferenças que se notam nas narrações, a propósito do animal que Jesus montou. De nenhum modo influem sobre os fatos. A escolha recaiu no jumentinho, por ser a cavalgadura do pobre. Foi escolhido um animal novo e ainda não montado, para mostrar que o mais indomável facilmente se pode curvar ao jugo do Mestre.

"Jesus expulsou do templo os vendilhões." Oh! Jesus, entrasses tu em todos os lugares onde tudo são mercadorias, onde o ouro deslumbra e paga a oração e o perdão, resgata os crimes e faz das bênçãos do Senhor vil objeto de comércio!

Disse ele: "Está escrito que minha casa é casa de oração; e dela fizestes um covil de ladrões." O pensamento, que estas palavras do Mestre exprimiam, compreendendo a época em que foram ditas e o futuro, é este: Desconfiai dos que vendem o perdão e as graças, dos que exploram a credulidade e a ignorância, porquanto cometem roubo, vendendo o que lhes não pertence, o que não têm nem mesmo para si.

A turba dos discípulos, tanto os que iam à frente de Jesus, como os que o seguiam, clamava: Hosana! Oh! deixai que suas vozes se elevem ao Senhor. Elas abafarão os queixumes da Terra. Hosana àquele que traz a paz aos humildes e aos pequeninos, que curva a fronte dos soberbos e dos orgulhosos!

(Mateus, vv. 1, 2, 3, 6, 7; Marcos, vv. 1-7; Lucas, vv. 28-35.) As narrações evangélicas, já o temos dito e repetimos, se completam umas às outras. A jumenta estava com o jumentinho; este acompanhava a mãe. Jesus montou o jumentinho, mas, conquanto só deste precisasse, mandou buscar uma e outro, porque as tradições e as profecias se tinham que ligar aos acontecimentos da era messiânica. Marcos e Lucas só falaram do jumentinho por ser o que servira ao Rei que fazia a sua entrada em

Jerusalém.

Para que compreendais a previsão de Jesus, a sua presciência do que, cumprida a ordem que dera, se ia passar entre os dois discípulos e os donos da jumenta e do jumentinho, basta o conhecimento que ora tendes da sua natureza, da sua origem e da sua missão superior e que saibais, como sabeis, que tudo fora de antemão previsto e preparado pelas encarnações, a fim de que os fatos ocorressem, como era mister, acordemente com as necessidades daquela missão. Em Jesus, a visão a distância decorria das mesmas causas em virtude das quais lhe era dado ler os pensamentos dos homens. É que era sempre Espírito, debaixo daquela aparência corporal humana que tomara, revestindo um perispírito tangível. Para vós, que sofreis a encarnação material, qual ela é atualmente para a humanidade terrena, isso só se pode dar pela influência mediúnica dos vossos guias. E assim será até ao momento em que a matéria se torne bastante sutil para que o Espírito lhe possa vencer os entraves.

Os donos da jumenta e do jumentinho, deixando que os levassem, foram a isso impelidos pelos seus guias, cederam à inspiração recebida, sem que tivessem a tal respeito nenhuma idéia assentada.

Conhecendo aqueles Espíritos, que haviam encarnado com o fim de concorrerem para que se verificasse o fato em questão, atinente à missão que ele desempenhava; conhecendo-lhes o grau de adiantamento e a docilidade às inspirações de seus guias, Jesus teve a presciência do que se ia passar.

(Mateus, vv. 4 e 5, Isaías, cap. LXII, vv. 1, 2 e 11; Zacarias, cap. IX, v. 9.) Estas palavras do evangelista, assim como as dos profetas Isaías e Zacarias, só pela revelação que atualmente vos é dada e que então era futura, predita, prometida, haviam de ser explicadas segundo o espírito, em espírito e verdade. Sob o véu da letra, elas encerravam uma alusão à graduação espírita de Jesus, rei vosso, que para o meio de vós desceu. Ele é vosso rei, por isso que é, preposto por Deus, o protetor e o governador do vosso planeta, a cuja formação presidiu, encarregado do seu desenvolvimento, do seu progresso e de conduzir à perfeição a humanidade que o veio habitar.

(Mateus, vv. 8-9; Marcos, vv. 8-9; Lucas, versículos 36-37-38.) As palavras de louvor e de alegria, que a multidão, à frente e em seguimento de Jesus, proferia, eram sugeridas ao espírito popular por influência dos Espíritos do Senhor.

(Lucas, vv. 39-40.) A manifestação tinha que se produzir. Se os homens, obedecendo à própria vontade, se houvessem oposto a que ela se produzisse, os Espíritos que cercavam o Mestre teriam feito que se ouvissem vozes entoando louvores ao "filho de David", àquele que, aos olhos dos homens, era filho de David.

(Lucas, vv. 41-42-43-44.) Eram proféticas as palavras de Jesus referentes à sorte reservada a Jerusalém, porquanto tinham que estar acordes com os sucessos vindouros. Antevendo aquela sorte, ele se aproveitava dos fatos que ocorriam, para que as inteligências fossem impressionadas quando os acontecimentos previstos se realizassem. Com relação aos filhos de Jerusalém, aquelas palavras, do ponto de vista espírita, eram também alegóricas, indicando veladamente a sorte que aguardava os

Espíritos rebeldes à voz do Senhor. Vós espíritas sabeis que o culpado que faliu nas suas provas tem que expiar e que as faltas de uma encarnação recaem amiúde sobre muitas das que se seguem. Eis porque Jerusalém viria a amargar o seu endurecimento. Seus filhos, Espíritos rebeldes, tiveram que expiar seus crimes e sua cegueira voluntária.

(Mateus, vv. 10-11.) Quando Jesus entrou em Jerusalém toda a cidade se abalou. Sim, enorme era a surpresa dos que o viam tão humilde e cercado de tão grande multidão. A fama o precedera, mas o que todos esperavam ver era um doutor orgulhoso do seu saber e trazendo após si longo cortejo.

Perguntavam: "Quem é este?" Desde muito tempo se haviam todos esquecido do menino que no templo ensinava aos doutores.

A multidão que o acompanhava respondia: "É Jesus, o profeta de Nazaré da Galiléia". Jesus nunca disse que era Deus. Seus discípulos é que, influenciados pela época, pelos preconceitos e pelas tradições populares, pelo estado das inteligências, pelos fatos ocorridos e pelas aspirações do momento, foram levados a atribuir ao Cristo a divindade, depois de finda a sua missão terrena. Mas, isso só se deu porque, firmando-se nestas palavras que ouviram de sua boca - filho de Deus, meu pai que está no céu, etc. - e tendo em vista os "milagres" por ele realizados, especialmente o fato "miraculoso" da sua "ressurreição" e suas aparições depois desta, não admitindo que a outrem, senão somente a um Deus encarnado, fosse possível realizar todas aquelas coisas milagrosas, eles tudo tomaram ao pé da letra, como era necessário, para atrair as massas.

A fim de destruir os ídolos, fazia-se mister um Deus visível, palpável. Ora, o deísmo inteiramente espiritual não satisfaria, não produziria esse resultado. Foi preciso então proceder de acordo com os tempos, com as condições e as necessidades do progresso humano.

Logo que outras se tornaram essas necessidades, quantas vozes se elevaram a combater o princípio da "Trindade", que representava um esforço feito, em face do monoteísmo, por conservar a unidade na pluralidade e que só tomando um caráter panteísta lograva escapar ao politeísmo! Quantas se elevaram a combater o sacrifício de Deus imolando-se a si próprio para satisfazer à sua própria vingança e resgatar, perante si mesmo, homens que ele podia condenar ou perdoar, por ato exclusivo de sua vontade! Porém, não censureis. Na marcha do tempo e do progresso humano, tudo tem sua razão de ser, segundo a presciência e a sabedoria infinitas do Senhor.

A nova revelação, que vos trazemos, vem dizer-vos o que até aos dias de hoje os homens foram incapazes de suportar.

Despojando da letra o espírito, ela vos vem explicar, em espírito e verdade, quem é Jesus-Cristo.

(Mateus, vv. 12-16; Marcos, vv. 11 e 15-18; Lucas, vv. 45-48.) Todo tráfico tendo por objetivo o reino de Deus constitui uma impiedade.

Lançai o olhar para os tempos hebraicos. Os Judeus resgatavam suas faltas por

meio de sacrifícios e os mercadores lhes forneciam as vítimas, os vasos com perfumes, o que tudo era trazido para o templo e aí vendido. Depois, o negócio se ampliou, as transações comerciais se instalaram na casa de Deus. As Bolsas dos tempos de agora, com as suas baixezas, tiveram um modelo no templo de Israel.

Repetimos com Jesus: "Está escrito: Minha casa será chamada por todos os povos casa de oração; e fizestes dela um covil de ladrões". O Espírito da Verdade vem dar cumprimento a essas palavras do Mestre, substituindo o reinado da letra que mata, pelo do espírito que vivifica.

Tempo virá e já veio para vós espíritas, como para todos os homens que não compreendido e praticam, abstraindo de cultos exteriores, a lei de amor, tempo virá em que não mais se adorará o pai no alto do monte, nem em Jerusalém; em que os homens o adorarão em espírito e verdade; em que, por todas as nações, a Terra será chamada "casa de oração".

Com a prudência e a habilidade do oculista que, operando a catarata, prepara o cego para ver a luz, os Espíritos do Senhor, como mensageiros do Espírito da Verdade, como missionários, encarnados e errantes, vêm e virão levantar progressivamente o véu que rouba aos olhares dos homens a verdade, a fim de que o que era secreto seja conhecido e o que estava oculto se torne patente. Eles vêm e virão encaminhar os homens, mediante a prática da humildade, do desinteresse, da justiça, do amor e da caridade, da renúncia de si mesmos, da indulgência, do perdão e do olvido das ofensas e das injúrias, do devotamento entre todos e por todos, para a verdadeira fraternidade, que só ela pode estabelecer e estabelecerá entre todos, com sinceridade, a igualdade e a liberdade, pela reciprocidade e pela solidariedade, efetivando desse modo a regeneração humana, que o Mestre predisse e prometeu.

Quando a unidade fraternal estiver consumada, o reino de Deus estará estabelecido. Então, no vosso planeta depurado (nova Jerusalém), aparecerá em todo o seu fulgor espírita, como soberano visível para as criaturas igualmente purificadas, o vosso protetor e governador, Jesus, vosso mestre e vosso rei. Então, reboará também o brado imenso que, regenerados, tornados verdadeiramente irmãos, os homens, em conjunto e em uníssono, soltarão, como outrora a multidão que o precedia e acompanhava por ocasião da sua entrada em Jerusalém: Bendito seja o rei que vem em nome do Senhor! Paz seja no céu e glória nas alturas!

E os Espíritos que houverem preparado e efetuado a regeneração, a purificação do vosso planeta e da humanidade, farão de novo ouvir o cântico dos anjos que conduziram os pastores ao estábulo de Belém: Glória a Deus no mais alto dos céus e paz na terra aos homens de boa-vontade!